

Organização Social do Kibutz

O "KUMSITZ"

ASSIM, terminamos nosso giro pelos lugares que havia a visitar. Isto não significa que tenhamos já falado sôbre tudo o que há a falar, num *kibutz*. Agora, porém, seria oportuno que nos sentássemos, e conversássemos um pouco.

Como fazê-lo? Jantemos primeiro. Sim, o refeitório está muito cheio. À noite, todos os companheiros comem aproximadamente à mesma hora, tanto os que vão trabalhar, como os que já terminaram seu dia. Claro, há *chaverim* que começam a trabalhar agora. O *kibutz* nunca dorme, funciona dia e noite. Sempre haverá gente ordenhando o gado, durante boa parte da noite. Os tratores logo mais sairão para o período da noite, e com êles vão os guardas. Há os outros guardas, que cuidam de canos, vacas, que circulam em patrulha. Há quem tome conta das crianças, à noite. A cozinha, quase não pára. Às nove da noite termina um turno, às quatro da manhã se inicia outro, e neste meio tempo há sempre uma companheira cozinhando para os que trabalham de noite. E êstes não são todos ainda os que passam acordados; À refeição da meia-noite sempre aparecerão alguns noitívagos a mais, que por uma razão ou outra estão trabalhando, ou simplesmente acordados. Enfim, o *kibutz* nunca dorme completamente.

Depois de comer, um de meus gestos de mão, e eis armado um *kumsitz*. Sabe o que é um *kumsitz*? Em português seria um "bate-papo". Alguns amigos que se reúnem no quarto de um dêles, faz-se chá ou café, come-se balas e bolachas, conta-se os incidentes do dia, comenta-se os fatos dos jornais. Uma atmosfera amiga e repousante, todos trabalharam pesado durante o dia, e todos querem gozar algumas horas de companhia. Que o *kumsitz* seja organizado em homenagem a você. Façamo-lo no quarto de... de quem? No quarto do Arele!

— Vamos juntar uma turma forte, para que haja algumas boas discussões. Tragamos o Nuchem, que é politicamente um socialista otodoxo, o Bernardo, que é um prático, o Bariach, que é um contemporizador, principalmente quando há dois lados com tendências a se chocarem, o Carabina, que gosta de arrelhar o Nuchem, o Israel, que independentemente do lado, é louco por uma discussãozinha, o Benjamin, que entende muito de problemas de *kibutz*. Hmm, para falar a verdade, está um pouco “forte” demais a minha combinação. Resolve-se; tragamos também as espôsas deste dignos cidadãos. Na hora de “fechar o tempo”, cada uma tomará calmamente seu cara-metade e calmamente o levará para casa.

* * *

Como, claro que pedí para que falassem português! O *ivrit* está já bastante arraigado no *kibutz*, mas você não entenderia... Sim, é português que eles estão falando. Mas o constante emprêgo do *ivrit* faz com que enfiem, sem perceber, uma larga série de palavras hebráicas no meio do português. Eu as traduzirei para você.

O que é “*pantcher*”? Hmm, é uma expressão típica do país. Designa qualquer contra-tempo, desde um filho que nasce antes da época, até o ônibus que já passou. “*Kará pantcher!*” Aconteceu um “*pantcher*!” Bror Chail, onde todos estão ainda no início de sua especialização profissional, onde a experiência de trabalho e organização está ainda em formação, o “*pantcher*” é uma aparição frequente. Um *chaver* está de cama doente, não pode trabalhar? “Fulano deu *pantcher!*” A comida queimou? “*Pantcher* na comida!” Um tijolo caiu no pé? “*Pantcher* no dedão!” Não há luz? “*Pantcher* no gerador!”

— O que significa “*ihíé tov*”? Interessante, é exatamente a complementação positiva do “*pantcher*”, também uma expressão típica. Significa “Será bom”, “No fim tudo dá certo”. É a expressão do natural otimismo do homem do país, que às vezes enfrenta tantos contra-tempos juntos que já nem se aborrece, e quando lhe chegam, torcendo as mãos de aflição, perguntando: “*Aval, ma ihíé?*” — (Mas, o que será?), responde “*Ihíé tov!*” (Será bom!). No futuro tudo se acertará. E para o *chaver* doente de cama, a comida queimada, o tijolo no pé, o gerador quebrado, sempre a complementação otimista: “*Ihíé tov!*”

A ASSEMBLÉIA GERAL DO KIBUTZ

— DIGA-ME, qual a instância mais alta que dirige o *kibutz*?

— Dizer qual seja, seria aparentemente fácil: é a assembléia geral (*assefá klalit*) que se reúne todos os sábados à noite e da qual todos os *chaverim* são membros. Mas explicar o que exatamente significa a assembléia geral do *kibutz* já é coisa mais difícil, porque não existe, em nossos dias, nenhuma instituição social semelhante. É ela característica de uma comunidade absolutamente livre, baseada no voluntariado e na convicção, para sua existência.

— A assembléia geral é a instância soberana da comunidade. Claro que abaixo dela existe uma secretaria executiva e uma série de comissões. Mas elas apenas apoiam a assembléia geral, sem absolutamente limitá-la. Qualquer membro, a qualquer momento, pode apresentar a proposta, a crítica, pedir o esclarecimento ou a informação que quiser. Suas propostas, se assim a assembléia o achar, podem ser imediatamente julgadas, votadas e transformadas em resolução para o *kibutz*, por meio do voto simples e direto.

— Bem, mas a resolução pode ser reformada ou anulada na semana seguinte.

— É muito difícil; não por *haver* qualquer ponto no estatuto proibindo a apresentação de propostas contrárias à aprovada uma semana antes, mas porque a assembléia se respeita muito, e o que foi verdade uma semana antes, dificilmente deixa de ser verdade uma semana depois.

— Mas a assembléia geral é um organismo parlamentar, pelo menos na forma, não?

— Nas primeiras vezes eu também tive esta impressão, mas hoje acho que não. Não apenas porque cada qual representa apenas seus próprios interesses, desejos, opiniões, e dificilmente se formam frações, mas porque não existem organismos parlamentares “pelo menos na forma”. Um parlamento possui uma função e uma assembléia geral outra. Como eu lhe disse, é realmente impossível achar um termo de comparação na distribuição de poderes na organização governamental do estado democrático moderno, porque não existem comunidades coletivistas nele. Mesmo na forma, existe apenas um exemplo semelhante na história, baseado, porém, em condições inteiramente diferentes: o “demos” da antiga Atenas.

— Mas falemos diretamente da assembléia geral do *kibutz*. Quando

a observamos com cuidado, logo notaremos o quanto é ela um organismo muitíssimo interessante. A assembléia geral do *kibutz* é algo tão personalizado em sí, que dir-se-ia, às vêzes, não corresponder à somatória das características de todos seus membros, o que não está certo. Esta impressão possui um motivo: a assembléia geral do *kibutz* é um órgão profundamente equilibrado, mais mesmo que qualquer dos indivíduos ou grupos que a compõe. Digo equilibrado, não conservador, ela será mais conservadora ou mais revolucionária na medida em que a comunidade o for. Mas sempre equilibrada. Você vê, como em tôda sociedade humana, há num *kibutz* indivíduos e indivíduos. A assembléia geral reúne em sí as particularidades de todos seus membros, boas e más, firmes e fracas, e exprime-as numa forma cuja característica constante é o profundo equilíbrio perante a vida que a comunidade leva. Daí, aliás, nasce sua grande fôrça, e não apenas de sua importância formal.

SECRETARIA E COMISSÕES

— QUEM dirige a assembléia geral, e como ela se entrosa com as outras comissões?

— Em primeiro lugar, existe uma secretaria (*maskiruth*) composta de 5 a 9 membros, dependendo do *kibutz*. Ao seu redor trabalham diversas comissões: social, educação, cultura, movimento, patrimônio, propostas, trabalho, segurança, juventude, etc. A secretaria recebe recomendações destas comissões, e nelas baseia sua opinião, julga, legisla, executa. Mas tudo, em todos os terrenos, adquire valor apenas com a resolução da assembléia geral, e esta possui poderes ilimitados de aprovar, regeitar, modificar, propôr. Quem a dirige é o secretário geral, que também encabeça a secretaria. Êle apresenta as propostas, as justifica, as submete à análise e crítica da comunidade. Sua função é muito delicada, e há secretários que são verdadeiros artistas na direção de assembléias gerais. Há que possuir sensibilidade para as tendências do plenário, distinguir entre idéias aproveitáveis e não aproveitáveis, transformá-las em propostas práticas.

— Hmm, uma assembléia geral em Bror Chail deve ser uma coisa muito... muito viva!

— Às vezes, quando são assuntos importantes, realmente torna-se

“vivíssima”. Você sabe, nós brasileiros, habituados a uma vida de movimento muito democrática, cheia de congressos e conclaves, possuímos um vasto arsenal de malandragens parlamentares. O nosso secretário é soterrado numa avalanche de palavras, apartes, justificações, propostas, contra-propostas, propostas suplementares e complementares, questões de ordem e princípio, o que o obriga realmente a ser um tipo hábil.

— Entre as comissões, há alguma especialmente interessante?

— Há duas. A comissão de movimento (*Vaadat Hatnuá*), algo inteiramente específico de nosso *kibutz*, pois somos o único, talvez, que se considera parte de um movimento, parte organizacional, e considera todo a movimento, tanto a organização no Brasil como Bror Chail, submetido a uma orientação geral comum. A Comissão do Movimento dirige as atividades ideológicas do *kibutz*, orienta e representa o movimento da Golá.

— A segunda é a Comissão de Propostas, à qual cabe propôr nomes para as demais comissões e cargos, e que num *kibutz* jovem como o nosso, onde ainda está se estabelecendo a divisão interna de cargos, especializações, etc., é muito importante. Deve ela possuir muita percepção com relação à comunidade, descobrir novas capacidades, ativizar o companheiro no campo para o qual possua êle tendências, avaliar fatores sociais, familiares, econômicos.

Há também uma terceira comissão que, se bem que formada por pequeno número de elementos, apenas dois, é a mais ativa e concorrida do *kibutz*. Reune-se diáriamente, e tem a seu cargo a distribuição da mão de obra para as tarefas do dia seguinte. Há uma série de trabalhos que são feitos por rodísio ou em temporadas especiais e isso exige a disponibilidade de todos elementos. É função do *sadran-avodá* (escalador) organizar a movimentação dos companheiros de forma a satisfazer essas necessidades e atendendo ao mesmo tempo os interesses dos outros ramos de trabalho. Êle realiza no dia a dia o plano periódico estabelecido pela Comissão de Trabalho.

— Você quer dizer que os indivíduos, apesar de fixados em suas profissões, estão sujeitos a deslocamentos temporários para outros setores?

— Exatamente. Além do rodísio normal pelos “serviços” (cozinha e refeitório) e guarda, há os períodos de colheita, plantio ou semeadura, etc., em que se exige um grande número de elementos.

Há também o problema de companheiros em férias ou doentes, que precisam ser substituídos provisoriamente e muitas outras exigências as quais cumpre ao escalador de trabalho responder.

— E que faz o outro elemento da Comissão?

— O outro elemento é a escaladora (*sadranit avodá*), que tem a seu cargo a distribuição do trabalho das companheiras nas tarefas a que elas, em geral, estão mais ligadas, principalmente nas Casas das Crianças.

CHAVERIM EM TRABALHOS FORA DO KIBUTZ

— DIGA-ME, o secretário recebe horas para suas tarefas?

— Claro. Em certos períodos é obrigado, mesmo, a trabalhar integralmente na secretaria. Aliás, não é êle o único que pelas contingências de seu cargo não participa integralmente no trabalho direto da produção. Há o contador, ocupado o dia todo, o tesoureiro e o encarregado de compras, que passam fora a maior parte do tempo. Para um *kibutz* jovem, quatro *chaverim* perdidos desta forma é um grande prejuízo. Aliás, tanto num *kibutz* grande como num pequeno, o número de pessoas ativizadas nestes cargos é o mesmo, pois êles existem independentemente do tamanho.

— De qualquer forma, são os únicos que não trabalham diretamente nos ramos internos de produção?

— Não, não são. Uma de nossas obrigações, como *kibutz* do movimento, é atender às necessidades dêste. Assim, temos dois *chaverim* agora no Brasil, em *shlichut*; um companheiro na Direção Mundial do movimento, que funciona em Tel Aviv; um *chaver* como elemento de ligação do *kibutz* junto ao novo grupo que chegou do movimento e está realizando um período de preparação (*hachshará*) num *kibutz* velho; além disso, *chaverim* que recebem períodos de tempo, um, dois meses, para feitura de programas, publicações, etc. Isto só para o movimento, e não se conta a dezena de *chaverim* que nas suas horas livres trabalham em ligação com coisas do movimento, reuniões, publicações, exposições, correspondência, discussão de problemas, etc.

— Fora do *kibutz*, há ainda outros?

— Você se esqueceu do exército? Isto seria todo um capítulo por sí. Além disso, há um companheiro em Ein Guedi. Ouviu falar

de lá? Ein Guedi é um oásis, situado perto do Mar Morto, o único lugar vivo daquela região, e um ponto de grande importância estratégica. Está completamente cortado do país, para chegar lá viaja-se quase um dia. O clima é dos mais quentes do mundo, pois está situado a 400 metros abaixo do nível do mar. Apesar disso, a terra é boa, há muita água, vinda de fontes naturais. O exército instalou um acampamento da Nachal, e ergueu um *meshek* (patrimônio). Depois a Federação Kibutziana lançou um chamado a todos os *kibutzim*, pedindo um homem de cada um, para manter o ponto. Enviamos também um companheiro.

— Fora isso, temos sempre *chaverim* em cursos, curtos ou longos, para aprendizado ou especialização profissional, para educadoras de crianças e jovens, professores, cursos culturais diversos. E para completar o quadro, há três companheiros trabalhando fora como profissionais, um *chaver* que dirige uma fazenda da Federação Kibutziana, da Organização “Fomento e Desenvolvimento”, e dois motoristas que trabalham em empresas de transporte de *kibutzim* ou da Histadruth. Chega, não? No fim, na escalação diária de trabalho, é uma boa porcentagem que se reduz.